

PROJETO DE VIDA PARA A ILHA GRANDE DOS MARINHEIROS: a função social das relações públicas*

EUGÊNIA DA SILVA WENDHAUSEN**

RESUMO: O projeto de Vida para a Ilha Grande dos Marinheiros (POA-RS) é uma experiência embasada em Paulo Freire e Gramsci, buscando uma estratégia de abordagem de problemas sociais, a partir da força catalisadora/animadora de RRPP percebida como agente de mudança social. Leva a uma proposta de matriz de ecodesenvolvimento auto-sustentável caracterizada pela interdisciplinariedade ética, despida de estrutura burocrática especial, agindo em equipe com e para as populações parceiras em busca de sintonia dos interesses públicos e privados.

PALAVRAS-CHAVE: Relações Públicas: Modelo Participativo
Relações Públicas Populares

ABSTRACT: The Project of Life to Ilha Grande dos Marinheiros (POA-RS) is an experience based in Paulo Freire and Gramsci, looking for a social problems and analysis strategy, with the power of Public Relations as social changes agent. It is a proposal of an ecodesvelopment auto-supporting source, characterized by the interdisciplinaryity and ethical, without a special bureaucraties structure, working together to hit the mark populations, trying to get on with the public an privated advantages.

KEY WORDS: Public Relations: Participative Model
Popular Public Relations

* Pesquisa-ação realizada no Delta do Jacuí, Porto Alegre, RS

** Professora do Departamento de Comunicação da FABICO/UFRGS. Mestre em Sociologia Industrial pela PUCRS.

1 O PROBLEMA

O “Projeto de Vida para a Ilha Grande dos Marinheiros - Porto Alegre/RS” é o piloto de uma pesquisa-ação interna e externa, destinada a propor uma matriz de ecodesenvolvimento auto-sustentável para o Delta do do Jacuí, cujo arquipélago é composto desta e de mais 29 ilhas situadas no rio Guaíba, que banha a cidade de Porto Alegre, capital gaúcha.

Poder-se-ia, inicialmente, dizer que se trata de mais uma região carente, como tantas outras, localizada na periferia de uma grande cidade. No entanto, esta apresenta um diferencial marcante e restritivo - de ordem ecológica - por se encontrar dentro do Parque Estadual Delta do Jacuí, área de reserva biológica, criada pelo Governo do Estado através do Decreto Estadual no. 24385, de 14/01/1976. Na verdade há toda uma legislação de cunho ecológico, relativa a área em si e a áreas ecológicas em geral, além dos estudos do Plandel - Plano do Parque Estadual Delta do Jacuí, elaborado em 1977, por uma equipe interdisciplinar que estabeleceu filosofia e diretrizes para a região, após realizar exame detalhado da situação, publicado em diversos livros, relatórios e mapas. Estes estudos e leis restringem e prescrevem a ocupação de áreas de reserva biológica⁽¹⁾.

A filosofia do Plandel, perfeita em sua acepção, o tempo, a omissão governamental e as contradições do capitalismo acrescentaram no Delta do Jacuí e, mais especificamente na Ilha Grande dos Marinheiros a pátina da poluição, através da introdução do lixo para alimentação da criação de porcos e da catação de material; a marginalização e intermarginalização de populações oriundas do êxodo rural e/ou de outras vilas da capital gaúcha e arredores.

O diagnóstico, elaborado a partir do trabalho das duas pesquisadoras - Eugênia da Silva Wendhausen, na área de Comunicação/Relações Públicas e Teresinha Carvalho da Silva - Educação Popular, torna-se o instrumento básico de RRPP, catalisando os moradores em torno de objetivos comuns, através do Conselho Pró-Desenvolvimento da Ilha Grande dos Marinheiros - como fórum de debates, criado como órgão assessor da Associação, para realizar troca e crescimento, entre o saber popular e o saber formal.

Por outro lado, o diagnóstico é também o grande instrumento de luta, a **bandeira**, que leva a órgãos públicos e privados, a pessoas físicas e jurídicas, a terrível realidade do Delta do Jacuí e, em especial, da Ilha Grande dos Marinheiros.

É também a ação dos intelectuais a serviço da população oprimida e carente, oferecendo seu trabalho sob a forma de ação voluntária social, difícil de ser vivida, mas autêntica, agressiva, idealista, ou seja, “Identificada” com a população da Ilha, como recomenda Pedro Demo (1985, p.15).

Este trabalho é embasado em referenciais teóricos básicos apresentados por Demo (1985), Thiollent (1988), Freire (1990) e Peruzzo (1982). No entanto, muitos outros e diversos autores, de diversas áreas contribuíram com idéias ensinamentos e experiências ao longo dos tempos, de forma a que pudéssemos trilhar este caminho. Foi o que tentamos fazer unindo Comunicação e, mais especificamente Relações Públicas

e Educação Popular e, mais tarde, Serviço Social. Este diagnóstico identifica como palavras-chave das necessidades, expectativas e aspirações da população local: **segurança, saúde, educação, cidadania, trabalho e renda**. Em nossa perspectiva e na realidade do Delta do Jacuí, temos necessidade de partir de coisas palpáveis para recuperar a verdadeira expressão política das pessoas, ou seja, sua cidadania, oportunizando sua libertação da pobreza política e de sua falta de participação.

A competência política é conquistada, através do duro exercício da tomada de consciência, do resgate do homem como um todo e a partir da sua própria expressão. Para isto é preciso liberar seu processo de comunicação consigo mesmo, com o outro, com seus pares, com grupos e com a sociedade em geral.

É necessário, em suma, favorecer a socialização deste homem. E isto só pode ser atingido na íntegra a partir de **sua decisão de auto-promoção**, de sua libertação dos grilhões do paternalismo, clientelismo e proselitismo político e religioso, reconhecendo-os como um reflexo condicionado de sua inércia e opressão, alimentado por um longo processo de acomodação.

A escolha da metodologia qualitativa se baseia na densidade e emaranhado de ações sobre a Ilha, no decorrer dos tempos, passível de expressão apenas numa metodologia que captasse algo mais do que o quantitativo, ou seja, o estado de espírito das pessoas, a dinâmica dos grupos, a sua qualidade de vida e de participação.

2 CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-POLÍTICO-ECONÔMICO E CULTURAL

Situada na altura do km2 da rodovia BR290 (Travessia Getúlio Vargas) que a corta em duas partes, a Ilha Grande dos Marinheiros se apresenta como um cadinho social contendo três segmentos sociais distintos:

a) **Vila Aparecida** - Bolsão de miséria, situado à direita de quem segue para o interior pela BR290, às margens do Canal Furado Grande, com uma população flutuante constituída em sua maioria por catadores de material, pessoas sem ofício definido e marginais que lá se abrigam. As moradias são subabitações, montadas em palafitas, quase sempre com uma só peça, abrigando, na maioria das vezes, mais de uma família. A média de pessoas por habitação, hoje, segundo a Associação de Moradores da Ilha Grande dos Marinheiros é de 07 pessoas por casa, perfazendo um total estimado de 7.000 pessoas. O aspecto visual desta área é dominado pelas palafitas com depósitos de lixo, criação de porcos e cães, misturados com grande número de crianças de todas as idades, contrastando com a ainda existente beleza natural da paisagem. Não há água encanada. A pipa da Prefeitura leva água duas vezes por semana. A luz chegou lá recentemente (1988) e só avançou 700 metros. Mas há grande número de eletrodomésticos - rádios e aparelhos de televisão - e quem não tem luz dispense muito dinheiro em bateria mensalmente para receber imagens em sua casa, com preferência para as novelas, especialmente da Rede Globo. São posseiros em sua maioria e há uma grande movimentação de pessoas, chegando levadas de vileiros das vilas Zequinha e São José (Porto Alegre, RS).

É uma ocupação desordenada, marcada por relações familiares e sociais deterioradas pela insegurança (lei do silêncio, lei do cão), pelo baixíssimo nível econômico e social, manipulado política e religiosamente. Há muitas religiões operando na Ilha: Umbanda, Assembléia de Deus, Espíritas - Grupos Bezerra de Menezes e Casa da Volta do Campo e Igreja Católica, com a presença das Comunidades Eclesiais de Base e, mais recentemente, da Pastoral da Terra.

As forças partidárias predominantes são o PDT, PMDB e PSDB, e mais recentemente o PT que vem entrando com a criação do Conselho Comunitário das Ilhas, após a eleição do Sr. Olívio Dutra para prefeito de Porto Alegre. Também se faz sentir a presença do PSB.

É uma população homogênea em sua pobreza, vivendo da criação de porcos para terceiros, da catação de lixo e de biscates. Em meio a esta penúria, são considerados, por eles mesmos, com "status" de ricos, os que andam limpos e arrumados;

b) **Ilhéus**: situados em sua maioria à esquerda da BR290, são os moradores mais antigos da Ilha. Alguns são ilhéus mesmo e outros oriundos do êxodo rural ou mesmo de Porto Alegre, mas residem lá há muitos anos. Representam a **classe média**, no contexto da Ilha, com suas propriedades (terras de Marinha), suas habitações na maioria de madeira com duas peças no mínimo, cozinha e banheiro (latrina) destacados. São geralmente pessoas com algum nível de alfabetização, capazes de escrever um pouco, fazer algumas contas. Os homens possuem pequenos ofícios, sendo as mulheres "donas do lar", como elas se denominam, contando com algumas habilidades manuais (artesanato não desenvolvido).

O aspecto visual desta parte da Ilha é mais limpo e conservado, embora ainda deixe a desejar, e também haja algumas pessoas vivendo da catação de material.

Nesta região estão situadas a Escola Estadual Alvarenga Peixoto - 1o. Grau, o Posto de Saúde, a Sede da Associação dos Moradores e Amigos da Ilha, o Hotel da Ilha (motel) e a Sede Campestre do Grêmio Foot-Ball Portoalegrense.

c) Os "**ricos**" e "**poderosos**" da Ilha: Os "ricos", segundo os ilhéus, são os proprietários das casas de veraneio existentes na Ilha. Alguns passam apenas o fim de semana, poucos moram lá.

Os "poderosos" são os Clubes, Hotel da Ilha (motel), os donos das criações de porcos da Ilha e os negociantes - donos de bares e armazéns - única modalidade de comércio organizado lá existente.

No Plandel, no volume dos Assentamentos, encontramos a evolução da taxa de ocupação por épocas, demonstrando a decadência socio-econômica do Delta:

"1890 a 1940: Há um crescimento bastante lento (taxa geométrica anual de 0,43). É a fase da ocupação **tradicional** em que a base econômica se constituía na pesca, produção de leite, arroz, hortaliças e frutas cítricas, em pequena escala e motivado pelo fácil acesso fluvial aos bairros - de Porto Alegre, como Navegantes, Centro, Cidade Baixa e Menino Deus". Segundo o mesmo estudo, as enchentes de 1928 e 1956 (cotas 3,20m e 3,39m) contiveram o crescimento iniciado entre os anos 1916 e 1921.

"1940 a 1956: Embora em 1941 tenha se dado a maior enchente (cota de

4,73m) a taxa geográfica de crescimento médio anual atingiu 7,40%. Data desta época a construção da travessia a seco do Guaíba. Em decorrência, surgiam em seguida, além dos acampamentos de obras e casas de operários as primeiras malocas, iniciando o crescimento desordenado que se seguiria. O mesmo estudo registra que nesta época a ocupação **tradicional** já estava em decadência.

“1956 a 1973: A conclusão da travessia a seco realizada neste período “constituiu em um golpe mortal” à ocupação “tradicional”. Quando a Ponte do Guaíba entrou em funcionamento, a navegação fluvial nos moldes em que era praticada anteriormente desapareceu. Os produtores das Ilhas, localizados segundo as possibilidades oferecidas pelo transporte fluvial, ficaram prejudicados na ligação com o mercado consumidor. Esta, sem dúvida, foi a consequência imediata da travessia a seco, pois mesmo as ilhas com acesso rodoviário tiveram suas taxas de crescimento drasticamente reduzidas de 1956 a 1973.

“1973 a 1977: É neste período que mais se fazem sentir “os efeitos secundários da construção da ponte”. De um lado as ilhas com acesso apenas fluvial e com ocupação “tradicional” apresentam um decréscimo em sua ocupação. De outro, as ilhas cortadas pela travessia a seco apresentam alto acréscimo na população “e com novas tendências de ocupação”, representadas pelos núcleos de subabitações residenciais de fins de semana e clubes” (Silva, s.d.)

A primeira vista, poderíamos julgar que só a estrada trouxe o declínio do Delta. Mas a retrospectiva econômica, no entanto, nos permite verificar a decadência da economia tradicional, em franco declínio a partir dos anos 50. Em 1977 viviam no Delta apenas 33 famílias dedicadas prioritariamente à agricultura e à pecuária, e 79 famílias que viviam da pesca - correspondendo aproximadamente a 10% do total das famílias. As atividades econômicas tradicionais do Delta do Jacuí consistiam em produção de leite, arroz, hortaliças, pasto, pesca e algumas atividades industriais e comerciais.

Por outro lado, a primeira e mais importante atividade do Delta foi a pesca. Também esta diminuiu consideravelmente porque a poluição e a pesca predatória reduziram consideravelmente a piscosidade do rio. Este fato foi agravado pela competitividade do pescado de Rio Grande (RS), tanto em quantidade como em preço. A pesca entra em franca decadência nas décadas de 50 e 60. Ainda existe a Colônia de Pescadores, mas estes atravessam períodos de grande dificuldade, especialmente, durante a piracema (época em que fica suspensa a pesca, por estarem os peixes se reproduzindo), por inexistência de atividades alternativas.

Também as atividades comerciais e industriais, instaladas nas ilhas no final do século passado e na primeira metade deste, declinaram totalmente, restando apenas o Estaleiro Só S.A., antigo estaleiro Mabilde, operando com crescentes dificuldades e só no reparo de embarcações. Fábrica de laminados, depósitos de combustíveis e similares ou se mudaram ou encerraram suas atividades.

Toda essa mudança, reiteramos, é marcada pela ascensão do transporte rodoviário e declínio do transporte fluvial.

3 AS RESIDÊNCIAS

A partir de 1960, verificou-se uma nova tendência de ocupação das Ilhas, com a construção de residências de veraneio ou de fim de semana.

A ocupação começou primeiro pela Picada Norte do município de Guaíba, (RS) estendendo-se em seguida à Ilha das Flores, situada defronte àquele local. Em seguida começaram a aparecer na Ilha Grande dos Marinheiros, demonstrando uma preferência pelas Ilhas com acesso rodoviário.

Embora constituíssem em 1977, “apenas 3, 73% das habitações existentes se revelavam como uma tendência importante, face ao número de solicitações e consultas efetuadas junto ao Plandel, para aprovação de projetos de loteamento ou de casas unifamiliares de luxo” (Porto Alegre, 1979, p.48).

Segundo este mesmo estudo, “as casas de veraneio são construídas em alvenaria, com padrão de construção alto e geralmente sobre pilotis” (Porto Alegre, 1979, p.48). Ou seja, as palafitas dos ricos.

“Outra característica importante desta forma de ocupação é o alto grau de transformação imposto ao ambiente:

“-os terrenos são totalmente alterados, as margens naturais são destruídas e em lugar delas surgem diques de pedra ou de concreto; a cobertura vegetal nativa é substituída por extensos gramados e árvores exóticas. “é bastante estranha esta forma de implantação na medida em que se reconhece que a força de atração exercida pelas Ilhas sobre as residências de veraneio se deve principalmente às qualidades do ambiente natural ali vigente” (Porto Alegre, 1979, p.48)

Para os leitores de pequenos anúncios dos jornais de Porto Alegre, a magia da ocupação das Ilhas está posta na linguagem dos corretores. Na realidade vemos que algumas residências anunciadas “como de cinema” ficam meses a fio, à venda mais pela grave crise econômica, do que pela realidade que o comprador vai detectar nas Ilhas, especialmente na Ilha Grande dos Marinheiros.

4 OS CLUBES

Outra forma de ocupação das ilhas é documentada por Tania Carvalhal, em seu poético “Crônica de um rio”:

“Aos poucos o Guaíba, ao lado de seu papel histórico e de sua importância para o desenvolvimento do comércio e para a economia da região,

começa a proporcionar aos que vivem em suas margens um privilegiado prazer” (“”).

“a proximidade do rio vai mais tarde favorecer a recreação e estimular os esportes náuticos. Se a natação sempre fora praticada no rio, é o esporte do remo, surgido por influência germânica no Século XIX, que o tornará conhecido das futuras regatas. Pois, (...) “O Guaíba permite que se realize percursos retos de até 4.000m, enquanto a largura de sua raia, considerada única na América do Sul possibilita a até vinte guarnições disputarem uma prova simultaneamente”. (...)

“Em 1888, surge à beira do Guaíba o primeiro clube do gênero no Brasil, O Ruder Clube de Porto Alegre, agremiação que foi a célula original do atual Clube de Regatas Guaíba - Porto Alegre”. (Carvalho, 1987, p.24).

Em 1895, a existência de dois clubes permitiu a realização da primeira regata no Guaíba, estabelecendo as bases da tradição desse esporte no sul do país.

Já neste século, surgiram os Clubes Almirante Tamandaré, Almirante Barroso e “Ruder - Verein Freundschaft”. (Sociedade de Regatas Amizade) da qual originou-se o Grêmio Náutico União.

Estes clubes mais o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (Ilha Grande dos Marinheiros) possuem sedes nas ilhas, sendo comum dizer-se **Ilha do União**, em vez de seu verdadeiro nome.

Se os esportes náuticos se desenvolveram e muito em Porto Alegre, nas ilhas há um grande número de pequenos barcos que fazem não só o deslocamento a serviço de seus donos, como sua recreação e que são manejados por homens, mulheres e crianças, acostumados a uma longa e antiga interação com o rio.

A Ilha Grande dos Marinheiros orgulha-se de contar entre sua população com campeões de natação e de remo.

No entanto, hoje, durante as enchentes verificamos que toda essa tradição náutica das ilhas, não se respalda em solidariedade, pois os **ilhéus** afirmam que “a água ‘tá chegando à porta e os dono de barco, tão firme em seus barco p’ra retirada dos habitantes, mas só mediante pagamento”.

5 O QUADRO ATUAL

Embora não tenhamos conseguido detectar novos estudos a respeito, tão completos quanto os do Plandel, a simples constatação “in loco” nos faz reconhecer que a degradação econômica, social e ambiental se acentuou sempre, em detrimento da Ilha Grande dos Marinheiros:

- a) houve aumento do número de subabitações em péssimo estado, (Vila Aparecida);
- b) aumento do lixo e da criação de porcos como ocupação econômica;

c) e, recentemente, com a criação da Associação de Catadores de Material de Porto Alegre (1987), oficializou-se a presença do lixo nas Ilhas.

Esta foi criada com o objetivo de uma associação de luta mais do que como processo educativo da catação. Posteriormente, esta Associação foi substituída pela COOPAPEL, com lideranças importadas de Porto Alegre e utilizando o trabalho de catação de apenas 11 homens da Ilha. E esta, atualmente, substituída pela Associação da Mulher Papeleira, num trabalho da Prefeitura de Porto Alegre e DMLU - Departamento Municipal e Limpeza Urbana que para lá levam o lixo dos bairros Menino Deus e Bom Fim (classe média alta). Também utiliza poucas pessoas da Ilha.

Assim, reforçando o prognóstico negativo do Plandel, caso suas diretrizes não fossem seguidas, temos a **oficialização** da catação de lixo na Ilha e o conseqüente aumento de subabitações e da população flutuante e marginalizada.

Por outro lado, segundo a Associação de Moradores e Amigos da Ilha Grande dos Marinheiros, entram diariamente na mesma dez caminhões de lixo sendo três de lixo hospitalar - além do lixo da catação - para a alimentação dos porcos.

Segundo referências colhidas na Escola, é comum a alimentação com material encontrado no lixo por uma boa parte de seus alunos e familiares, além de se vestirem também com material encontrado no lixo.

Sobre isso temos o depoimento de uma moradora, que nos disse: “tá vindo esta blusa? (era uma blusa cor de rosa, de tricô; linda), Foi o lixo que me deu. Ela veio dentro de um saco amarradinho, fechadinho. Tava com uma manga desfiada até o cotovelo. Eu lavei em água quente, bem lavadinha e sequei. Depois procurei um novelo de lã igual e refiz a manga (era um ponto trabalhado, bem difícil e não ficou nenhuma marca de conserto). Vê, eu me visto de lixo e não posso sê contra ele”. Ao que responderam outras mães presentes: “Eu, também, eu também...”. Isto ocorreu em 1989.

Assim, verificamos que há grandes artesãs no Delta e, em especial na Ilha Grande dos Marinheiros, mas que tem hoje, como atividade econômica principal a catação de material, pela facilidade de operação e pelo rápido retorno financeiro obtido, e mesmo por incentivo de órgãos públicos. O outrora belíssimo artesanato do Delta está em franco declínio, por esta razão e também pela falta de orientação e assistência especializada desvinculada de paternalismo, clientelismo, assistencialismo, como também de manipulação política e religiosa.

Em 1977, o estudo dos assentamentos do Plandel previa como fator favorecedor do surgimento de núcleos de subabitação nas ilhas o acesso rodoviário, mais a

“a) ausência de maior controle sobre a área tanto por parte do poder público como dos proprietários de terrenos;

“b) proximidade ao mercado de trabalho de Porto Alegre;

“c) boa acessibilidade e custo de transporte relativamente baixo.” (Porto Alegre, 1979, p.48).

Este prognóstico se confirmou com lamentável sucesso, constatando-se a um simples olhar que a população cresceu muito e de forma totalmente desordenada. No relatório do Plandel sobre Saúde, vemos:

“Na região, denominada hoje Vila Aparecida - área de malocas a montante da travessia do Guaíba, citado como o ponto mais crítico de todo o Delta, verificam-se então três óbitos para 17 nascimentos vivos, 6,2% de alcoolistas e quase metade dos tuberculosos do Delta.” (Victoria, 1978, p.19).

Embora a Ilha conte hoje com um Posto de Saúde, o quadro geral não melhorou muito, pois predominam: sarna, piolho, alergia à água (poluída) do rio, impetigo infeccioso, bicho de pé, diarreia (muito), doenças infecciosas, vermes (100%), doenças respiratórias, amigdalite, raquitismo, desnutrição, sífilis, gonorréia, câncer (pouco) e alcoolismo.

No Relatório Final sobre Botânica no Delta do Jacuí - Plandel, encontra-se referência à modificação da paisagem, alterando os ecossistemas da região. É interessante assinalar que, enquanto este Relatório informa que a construção de casas de veraneio destrói as áreas circunvizinhas, faz ressaltar as casas sobre palafitas como menos agressoras do meio ambiente e pitorescamente integradas à paisagem das Ilhas (Longhi, 1977).

A maior agressão se vê nas margens mais elevadas onde se concentra a maior densidade populacional das Ilhas, restando poucos matos bem preservados em locais menos acessíveis, mais para o interior das Ilhas.

Muitos banhados, tão importantes para a preservação e equilíbrio dos ecossistemas, foram alterados irreversivelmente, sendo lamentável exemplo o **aterro sanitário** da Ilha do Pavão.

No Relatório Final sobre Ecologia Aquática do Delta do Jacuí - Plandel (34), a bióloga Miriam Krönbauer preconiza um estudo de amplo espectro sobre as relações de equilíbrio das diversas espécies que compõem a coluna representativa de cada **habitat** aquático, ou seja, um histograma completo (Krönbauer, 1978).

Apesar de o Delta do Jacuí, ser agredido não só pelo homem em sua intervenção direta, como também pelos esgotos industriais e domésticos de Porto Alegre e adjacências, nos últimos anos houve conscientização, com indústrias estudando novas soluções, autoridades agindo em algumas áreas e os estudos do Projeto Guaíba, visando resolver os problemas de esgoto doméstico de Porto Alegre. Em 1989, foram iniciados estudos do governo do Estado para a recuperação do Rio Guaíba a exemplo do que se fez no rio Tâmis (Londres - Inglaterra) - Projeto Rio Guaíba. Mas os relatos atuais das lideranças das Ilhas nos mostram que ainda há tudo por fazer, principalmente entre as populações habitantes das mesmas e indústrias que circundam o Delta, pois há ainda locais onde “a água ‘tá morta, preta”, segundo pescadores.

Na Ilha Grande dos Marinheiros, verifica-se, especialmente na área da Vila Aparecida, lixo de todo o tipo depositado nas margens e adentrando o rio: animais

mortos, despejos sanitários, lavagem de roupa, banhos, etc... e quando a Pipa da Prefeitura de Porto Alegre não vem, bebem a mesma água após fervida, quando fervem... Por experiência própria, posso dizer que ela é amarela, tendendo para o marrom, densa e pesada, com um gosto péssimo e que deixa uma sensação de tontura por mais de 48 horas em quem a bebeu: é com esta água que se cozinha, lava roupa e, até se fazem mamadeiras, muitas vezes, nesta região.

Os fatos novos, após 1977, não estão consagrados em nenhum volume de estudo especial e se recolhem aqui e acolá, mediante o testemunho de ilhéus e dos próprios catadores, sobre sua condição de miserabilidade e de oprimidos e, até mesmo, de involuntários opressores do meio ambiente e daqueles que às vezes os procuram ajudar, tal a sua condição subumana.

Por outro lado, fatos e dados esparsos apareciam nos Relatórios da Secretaria da Saúde⁽²⁾, marcando a presença do lixo, a degradação da saúde e do meio ambiente e solicitando providências, em 1975.

Também a presença na crônica policial dos jornais de Porto Alegre e, mais na da crônica oral local, nos poucos dados do Posto de Saúde e, sobretudo na paisagem depreciada, degradada do meio ambiente das ilhas denuncia que a agressão não se deu só ao ecossistema, mas também e principalmente ao homem, marginalizado, ferido em seus direitos humanos, cercado por uma legislação de cunho ecológico que só é lembrada para proibir melhoria às condições de vida na área.

Paralelamente se faz o resgate da memória dos diversos tipos de intervenção na Ilha/no Delta, identificando-se ação governamental, religiosa, de clubes de serviço, de políticos e de voluntários sociais, descoordenada e até competitiva, pulverizando recursos humanos materiais e financeiros, fortemente marcada na maioria das vezes, por paternalismo, assistencialismo e proselitismo político e religioso.

A partir da pesquisa bibliográfica, do exame documental, do diálogo e dos círculos de cultura com a população local, estabelecemos as bases para o diagnóstico e para a ação.

6 TRABALHO PROPOSTO

Nosso plano de trabalho apresenta três estágios:

a) Pesquisa-ação interna, junto ao povo e lideranças, levantando suas necessidades, expectativas e aspirações, através de diálogo e círculos de cultura, consolidadas no instrumento chamado diagnóstico e desenvolvido entre março/88 a janeiro/89;

b) Pesquisa-ação externa, abordando os órgãos públicos e privados, entregando o diagnóstico, fazendo “lobby” e Relações Públicas, ou seja, comunicação política, na qualidade de assessora da Associação, levantando recursos humanos, materiais, tecnológicos e financeiros que se pudessem enquadrar e oferecer alguma solução aos problemas encontrados. Este período abrange janeiro/1989 a agosto/1990. Na realidade, prossegue e é feito em conjunto com a Diretoria da Associação, moradores e membros do Grupo Alternativo Delta do Jacuí;

c) Paralelamente, desenvolveu-se o terceiro estágio que compreende o planejamento participativo com a comunidade, escolhendo e compatibilizando os recursos levantados, com as condições mais pertinentes a seus desígnios e soluções: ou seja, um grupo de cultura mista que administra a controvérsia e o conflito em busca do interesse público e do bem comum.

Por outro lado, nos dispusemos no que tange à pesquisa-ação interna, a identificar, criar e/ou recriar canais e instrumentos de comunicação, não só da Associação, como também da Ilha, de forma a incrementar seu processo de comunicação interna e externa.

Propusemo-nos ainda no que tange à pesquisa-ação externa, usando o diagnóstico como documento-provocativo, a promover o diálogo da comunidade, através da comunicação escrita e falada, dos contatos externos através de audiências, reuniões, etc, debates, entrevistas e até mesmo de participação em Congressos, além dos documentos escritos usuais; ofícios, abaixo-assinados, relatórios e similares.

7 METODOLOGIA

A escolha da metodologia de pesquisa-ação para uma área ecológica em decadência e carente, prende-se a idéia de Brandão, que é a de:

“Conhecer a sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele, aprender a escrever sua história de classe. (...) Ter no agente que pesquisa uma espécie de gente a que serve. Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que foram negados ao povo, àqueles para quem a pesquisa participante - onde afinal pesquisadores e pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho em comum, ainda que com situações e tarefas diferentes - pretende ser um instrumento a mais de reconquista popular (...)” (Brandão, 1988, p.11-12).

Assim, se pretendemos resgatar a cidadania de populações carentes é fundamental resgatar o seu processo de comunicação consigo mesmo, com o outro (díade), no grupo e intergrupar, sua comunicação falada, escrita e não-verbal, sua comunicação por ação, por cultura, pelas artes e por todas as formas descritas por Berlo, na sua narração da experiência com o Sr. A., quando enfoca e observa os diversos tipos de comunicação que um ser humano utiliza no seu cotidiano (Berlo, 1972).

Só assim poderão se libertar do processo de automassificação e de massificação a que se acham submetidos pela marginalização e, até intermarginalização, e da resultante alienação como é o caso da Ilha Grande dos Marinheiros. E mais ainda, adquirir uma consciência crítica diante dos meios de comunicação de massa - no caso especialmente de rádio e TV e ainda, uma postura crítica de cidadãos - senão ainda de contribuintes (acionistas da Nação) - diante do discurso e do comportamento de órgãos estatais, políticos, religiosos e mecenas.

Só o desenvolvimento de seu processo de comunicação política, permite o processo de tomada de consciência que detectamos no decorrer de nosso trabalho, através dessas palavras, em conversa com um grupo de mães:

“- Nós ‘tava aqui feito umas bela adormecida, engulindo sapu e nem sabia. Aí chegaram voceis. Mais a Teresinha que tu, porquê é com ela que a gente mais trabáia. Tu a gente sabe que é mais prá fora, prus grande, pra levá a nossa voz, lá... Hoje, ainda nós ingole sapu. Mas ‘tamo acordada, sabendo tudo o que tá acontecendo...”

“- Nós, também. Nós, também, disseram as outras mães.”

Assim, se operacionalizou nossa troca de saber formal e informal e de postura diante do mundo, testemunhada por membros da comunidade.

Para isto são básicos os “círculos de cultura” de Paulo Freire, transformados no nosso caso em fórum de debates - ou seja, num círculo de exercício de verbalização, de resgate de atitudes e opiniões, em suma de comunicação, que levam a uma ação auto-deliberada e planejada e a um crescimento individual e grupal, ou seja, de interação, consigo mesmo, com o outro, com o grupo, com organizações públicas e privadas e com a sociedade (Freire apud Brandão, 1990).

Nessa perspectiva é fundamental a atitude dos assessores de RRPP e de Educação Popular da Associação, como especialistas capazes de oferecer suporte técnico, sem persuadir, sem interferir no processo da comunidade, atuando realmente como assessores, propiciando e apoiando uma ação de **baixo para cima**, pois nossa linha não se coaduna com persuasão.

Nesse momento, é de capital importância o uso de técnicas de planejamento participativo como preconiza Cornely:

“O planejamento participativo constitui um processo político, um contínuo propósito coletivo, uma deliberada e amplamente discutida construção do futuro da comunidade na qual participe o maior número possível de membros de todas as categorias que as constituem, onde as decisões substantivas serão tomadas pela população, cuja participação é o ingrediente principal do planejamento participativo.

“Partindo do potencial humano, propõe-se que povo seja encarado como sujeito da história, como ator e não como mero expectador, não se colocando o desenvolvimento como um pacote de **benefícios dados** (o grifo é meu) à população necessitada, mas um processo através do qual a população adquire maior domínio sobre seu destino” (Cornely, 1990).

Ou como coloca Bordenave:

“Em cada época histórica a sociedade atribui à educação uma missão específica que é a de desenvolver nas pessoas certas qualidades e habilidades necessárias ao tipo de sociedade que se tenta construir. Assim ocorreu na Grécia Antiga e na Idade Média, no mercantilismo e na implantação do capitalismo.

“Na época atual, os sinais dos tempos parecem insinuar que a missão da educação consiste na preparação de uma futura sociedade participativa. “... Uma sociedade participativa seria então, em primeiro lugar aquela cuja estrutura sócio-econômica facilitaria o acesso a todas as camadas sociais e à gestão dos meios de produção, assim como ao usufruto dos bens materiais e culturais produzidos pelo esforço coletivo. Em segundo lugar seria uma sociedade cuja infra-estrutura político-jurídica rejeitaria a apropriação destes resultados por setores minoritários e garantiria sua distribuição justa entre todos os setores. Em terceiro lugar, seria uma sociedade cujos valores dominantes reforçariam a EQUIDADE, a GRATUIDADE e a SOLIDARIEDADE; combinando com equilíbrio a JUSTIÇA SOCIAL e a LIBERDADE” (Diaz Bordenave, 1986).

É justamente neste campo que confinam Educação Popular e Comunicação e, em especial com Relações Públicas, pois com a primeira se dá o processo de socialização e com a segunda a formação de atitudes e se ambas agirem, de forma integrada, os resultados se potencializam e abreviam.

Os comportamentos básicos apontados por Bordenave para acentuar e fortalecer a capacidade participativa dos futuros cidadãos são a auto-expressão, a valorização de si, a criatividade auto-gestionária, a co-responsabilidade, a desmistificação da autoridade, o sentido histórico da cultura, todos levando ao sentido de escola participativa nas três vertentes de sua vida diária: seu funcionamento interno, sua inserção comunitária e sua metodologia de ensino-aprendizagem. Logo é fundamental neste processo a adesão da Escola local como centro de trocas de cultura, mas isto ainda não aconteceu na Ilha Grande dos Marinheiros...

Logo o planejamento participativo se apresenta como grande instrumento da conquista, da cidadania, onde Cornely estabelece suas bases operacionais:

“Conta com uma assessoria técnica, de preferência um grupo interdisciplinar ou alguns especialistas que ajudam uma comunidade a mover-se eficazmente na direção que ela escolheu, ou seja, no seu projeto de vida. “O papel da assessoria técnica é o de ativador ou animador, ou seja:

- levanta problemas;
- anima a comunidade;
- ativa suas forças vivas;
- estimula discussões;
- incentiva a busca de soluções;
- cria um clima comunitário; mas é sempre a comunidade quem decide”

(Cornely, 1980, p.4).

É nesta linha que se atuou, buscando reunir as lideranças das ilhas em suas reivindicações, através da assinatura de ofícios, da conscientização para a cooperação e integração de esforços, pois pensava-se em criar, num primeiro momento, um

Conselho Comunitário das Ilhas, face a seus problemas comuns.

É em Paulo Freire que encontramos:

“Comunicação é a participação dos sujeitos no ato de pensar... implica numa reciprocidade que não pode ser rompida o que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. A educação é comunicação, e diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (Freire apud Lima, 1981, p.64).

Venício Lima, analisando os conceitos de comunicação e cultura em Freire, conclui que:

“se complementam mutuamente, uma vez que se acham relacionados diretamente com a liberdade e a libertação humanas. A comunicação distorcida - **falsa palavra** ou **mutismo** - é característica de uma cultura onde o homem é alienado, uma cultura do silêncio. A verdadeira comunicação inter sujeitos implica a reciprocidade dialética mediante a qual um homem livre transforma o mundo e cria o universo simbólico e abrangente da cultura no processo permanente de sua própria libertação” (Lima, 1981, p.119).

Ou como preconiza Paulo Freire para o homem do 3º mundo: “na conquista de seu direito à voz, o direito de pronunciar sua palavra”, acrescentando que “o homem que tem voz é um homem que é sujeito de suas opções, um homem que projeta livremente seu destino” (Freire apud Lima, 1981, p.66).

Como então resgatar esse homem no Delta do Jacuí, mais especificamente na Ilha Grande dos Marinheiros, dominado pelas leis do submundo - lei do cão, lei do silêncio, (o mutismo de Paulo Freire), vivendo em subabitações, em condições subumanas, cercado de água, flagelado nas enchentes e sem água potável para beber? Como libertá-los da dura vida de catação de lixo, pois eles concordam comigo que “ninguém vive de lixo porque gosta... a não ser os atravessadores”. Mas se calam, por medo, diante das injustiças e opressão. Querem que nós falemos e denunciemos, mas não tem provas e não tem coragem diante das forças opressoras.

Como resgatá-los do desamor, da humilhação e, antes de mais nada, das doenças da alma, se ouvem constantemente o rechaçar da Escola: “Não gosto de pobres”, das promessas dos políticos, da burocracia emperrada dos serviços públicos, do paternalismo, do assistencialismo e proselitismo religioso que minam suas forças físicas e morais, que os anestesiaram e os tornam mais oprimidos e alienados?!

Qual o traço deste homem, quais os resíduos de cidadania em que se apoiar?!

Parece-nos que só mesmo pelo exercício da comunicação consigo mesmo, com seus familiares, com seu grupo, e com a sua não-comunidade é que vai chegar lá e construir ou reconstruir seu sistema de relações.

Porque o exame das diversas intervenções - corte diacrônico na história da Ilha - e o diagnóstico que poderíamos chamar de corte sincrônico, ou seja, corte num determinado espaço de tempo que pode ser considerado presente, nos deram respostas, muitas respostas.

Mas a mais séria delas, parece-nos é a idéia de **polarização na Ilha**, em três segmentos:

a) Vila Aparecida - o bolsão de miséria com seus pobres (sujeitos) e seus ricos (limpos);

b) Os ilhéus - a “classe média” da Ilha;

c) Os **ricos** e os **poderosos**, com seus negócios, clube e casas de veraneio.

São interesses antagônicos, senão pelo menos, divergentes.

Então, a falta de sintonia de interesses, o desconhecimento do interesse público, a luta pelo bem comum, tem significados diferentes para diferentes realidades, porque o que é bom para os **poderosos** e **ricos**, ou para os políticos, nem sempre ou regra geral, não é bom para os pobres.

Logo todos estes anos de investimento de órgãos de bem-estar social, de religiões e partidos partiram da premissa errônea de que aquele “cadinho” era uma comunidade.

É preciso ainda recuperar o sentido e o valor do trabalho, para estas pessoas oprimidas, dentro de uma realidade de não-agressão ao meio ambiente.

A Escola por sua vez precisa descobrir o seu significado diante da realidade social em que está inserida e os professores e Direção realizar um exame de consciência como servidores da Nação, pois são pagos com o dinheiro de contribuintes - não para agredir e pisar em pessoas carentes - mas para recriar a Escola, a cultura e o lazer, dando inclusive uma dimensão maior a si, como seres humanos e profissionais do ensino.

Na verdade, é preciso repensar o homem no meio ambiente - não como o **rei da criação** que ele mesmo se arrogou, iniciando a destruição do Planeta Terra, mas como um elo na cadeia dos ecossistemas, capaz de comunicar, de reeducar e de produzir cultura, na perspectiva de Freire, preservando e amando o mundo em que vive.

E retomar este homem, resgatando os resquícios de sua cidadania e de sua alma, de sua cultura, tão feridas, por ele mesmo enquanto oprimido, e também pelo mundo que também o transforma em opressor-violento, destruidor do meio ambiente e da comunidade.

8 ASPECTOS CIENTÍFICOS DAS RELAÇÕES PÚBLICAS

O exercício profissional, não-remunerado, porém sistemático, de assessoria de RRPP à Associação de Moradores da Ilha Grande dos Marinheiros, permitiu-nos, identificar as funções descritas pela CONFIARP e os instrumentos de RRPP utilizados no decorrer do Projeto de Vida.

Sobre as funções de RRPP previstas pela Confederação Internacional das Assessorias de Relações Públicas (CONFIARP) e, desenvolvidas neste caso, temos os seguintes comentários a fazer:

a) Assessoria/Consultoria

É uma função preponderante em todo o decorrer do trabalho, desencadeando o processo de eco-desenvolvimento, a partir da criatividade e dos contatos proporcionados e que levam à socialização. Dito de outro modo, é o processo de comunicação se ampliando através dos diversos públicos, desobstruindo canais de comunicação, criando e/ou recriando outros, numa constante ampliação dos círculos de cultura.

É ainda sua expressão máxima o Grupo Alternativo, composto pelos profissionais de RRPP, de educação Popular, de Serviço Social, de Sociologia, de Psicologia, de Psicopedagogia, de Advocacia, de Medicina e tantos outros profissionais necessários para a solução do problema regional. Mas é **ao profissional de RRPP que cabe assessorar e integrar este grupo**, proporcionando **informações e orientações, como num treinamento de executivos, em busca de linguagem, objetivos e linhas de atuação comuns**, numa função de catalisador ou de agente de mudança, tanto em nível de Grupo, como comunidade.

Por outro lado, é importante reiterar aqui, que a posição do Grupo deve ser realmente de assessoramento, ou seja, uma **disposição transitória**, muito forte a princípio e que, à medida que as lideranças comunitárias crescem, o Grupo recua e lhes dá apenas **suporte** para sua caminhada rumo à auto-gestão. Assim poderíamos dizer que a função primordial do Grupo é desenvolver a arte de pensar, de decidir e de buscar recursos rumo à auto-gestão, afastando-se até chegar à consultoria.

b) Pesquisa

A pesquisa é uma ação que permeia toda a ação comunitária em busca de mudança. E o tipo de pesquisa mais apropriado, a nosso ver, é a pesquisa-ação, porque capta o amplo espectro de interações emergentes, interna e externamente. Por outro lado, é o método que permite o conhecimento, as decisões e a interação dos grupos comunitários em busca de seu Projeto de Vida.

c) Planejamento

O planejamento que mais se adapta a este trabalho é o planejamento participativo por seus aspectos democráticos, onde a comunidade decide seu destino e que programas e projetos são mais adequados a seu plano de ação: Projeto de Vida. No entanto, diante da realidade empresarial vigente, acreditamos também ser recomendável sua aplicação nesta área, como forma de integração de objetivos, entre capital e trabalho.

A idéia de Projeto de Vida nos é especialmente cara porque leva às pessoas, aos grupos sociais e à comunidade, a idéia de que é possível escolher, selecionar caminhos e soluções de vida, numa ação planejada e deliberada rumo ao desenvolvimento pessoal, grupal e comunitário, construindo o seu Projeto de Vida. E neste campo do planejamento, paralelamente, cabe toda uma ação educativa no sentido de planejar, de criar e realizar programas e projetos, desde o raciocínio até a sua expressão verbal e escrita. Em contrapartida, é preciso ensinar-lhes a fazer relatórios, prestações de contas, recibos, tudo buscando a transparência, ou seja, a boa imagem da comunidade, é uma forma de desenvolver seu pensamento reflexivo, sua acuidade intelectual e também a sua ética. É preciso usar as palavras e expressões corretas e traduzí-las para a linguagem deles: objetivo: onde queremos chegar; metas: os degraus para chegar no objetivo e assim por diante.

Também aqui surge implícita a função administração, em todas as suas formas: de recursos humanos, materiais, tecnológicos e financeiros e, principalmente, do tempo. Quanto mais subdesenvolvidos, menos sabem administrar o tempo. Cabe então ao Grupo Alternativo, proporcionar-lhes o conhecimento formal que lhes possibilite gerenciar da melhor forma a sua escassez de recursos.

d) Produção e/ou Operacionalização

O campo aqui é vasto e, a partir da criatividade e dos conhecimentos de sociologia e antropologia, é possível criar uma forma variada e adequada de eventos, de instrumentos de comunicação interna e externa e/ou mesmo de detectar e aperfeiçoar os já existentes, como detalharemos a seguir no item instrumentos.

e) Avaliação

É uma função que permeia toda as outras e deve estar sempre presente no desenrolar do trabalho. No entanto, consideramos de especial importância a adoção dos critérios propostos em Pedro Demo por sua influência libertadora, sua ênfase no **ser**.

O **ter** também é necessário avaliar, ou seja, fazer o balanço, a **avaliação bancária** entre o **proposto e o realizado** para se poder estabelecer **metas**, criar e/ou recriar projetos de utilidade comunitária, como água, luz, etc.

No entanto, **reiteramos aqui nossa posição de que a dimensão humana é fundamental, sem o que não haverá eco-desenvolvimento**. E é nisto que pecam tantos projetos de órgãos de bem-estar, de religiosos e de voluntários sociais. Sua base fica apenas no **ter**, que se confina no binômio **dar-receber**, criando um reflexo condicionado alienante.

Só critérios de auto-promoção e de auto-gestão, de desenvolvimento da comunicação política e de um ser harmônico e global, ou seja, o homem integrado ao meio ambiente, podem fornecer as bases do ecodesenvolvimento.

9 INSTRUMENTOS DE RELAÇÕES PÚBLICAS

É necessário registrar aqui os instrumentos de Relações Públicas utilizados ao longo deste trabalho da Ilha Grande dos Marinheiros/Delta do Jacuí. É também preciso reconhecer que, neste caso, os próprios elementos do processo se tornam instrumentos por sua ação reflexiva e participativa.

a) Pesquisa-ação

A pesquisa pode também ser utilizada como um instrumentos de Relações Públicas no que tange aos aspectos de relacionamento, diálogo e empatia que propicia facilitando a integração com a comunidade.

b) Planejamento Participativo

Também funciona como elemento de conscientização, de integração (busca de sintonia de interesses) e de visualização dos objetivos, metas e passos necessários para a consecução do Projeto de Vida.

Ao mesmo tempo, exercita o pensamento reflexivo ao decidir sobre alternativas, prioridades, estratégias e táticas em assuntos que lhes dizem respeito de forma marcante.

Por outro lado, aprendem o que são programas e projetos, orçamentos, relatórios, prestações de contas. Em tudo isso, exercitam sua comunicação verbal e escrita. Tudo de maneira muito rudimentar, é claro, mas que é o início do exercício da cidadania e de sua auto-gestão.

Segundo nossa percepção, somos de parecer que devemos sempre usar a palavra correta e traduzí-la de forma a ir havendo uma troca de significados. E isto é muito importante porque em sua maioria eles assistem televisão e ouvem rádio e até lêem jornais. Trata-se então, de um processo de decodificação da linguagem técnica para a popular.

Cabe ainda frizar a importância de sua educação para o desempenho de papel, fazendo-os perceber as diversas formas de atuação compatíveis com suas diversas responsabilidades: pai, mãe, presidente de associação, de clube de mães, instrutor de curso, etc. Ou, como tão bem diz nossa Assistente Social: - "Mudou a função, muda a roupa." Aí eles entendem.

Por outro lado, é muito importante afixar o diagnóstico, as avaliações e os novos planos nas paredes da Associação, trabalhados com eles e para eles, para que todos vejam e possam relembrar e comprovar a evolução do trabalho, discriminando também as responsabilidades por áreas. No nosso caso, usamos papel Kraft e pincel atômico por serem os instrumentos mais baratos.

c) Conselho Pró-Desenvolvimento da Ilha

É o fórum de debates, um instrumento de comunicação política, de socialização, considerado como espaço fundamental para o exercício da linguagem, postura e organização individual, grupal e comunidade, integrando o universo de debates e ampliando os horizontes da comunidade. É uma reinvenção do círculo de cultura de Freire, transposta para uma forma de educação popular, além da alfabetização, uma educação global, baseada em organização de comunidade. É necessário propiciar a troca de saber popular e formal, através de visitas e participação de técnicas de diversos órgãos, de religiosos, de políticos, de órgãos de comunicação dirigida e de massa. Devem ser feitas atas, ou pelo menos, memórias de cada reunião para ficarem arquivadas na Associação e poderem ser consultadas sempre que necessário.

Por outro lado, também enriquece o Grupo Alternativo na troca e na constante busca de referenciais teóricos para embasar sua atuação.

Funciona ainda, como elemento altamente democratizante, diluindo o poder e educando as lideranças comunitárias, no sentido de se transformar de líderes autocráticos ou "laissez-faire", em líderes atuantes e democráticos.

A adoção do sistema de comissões, por sua vez, introduz mais uma vez os princípios da diluição do poder e divisão do trabalho, buscando o resultado final como a resultante do esforço de todos os grupos. Proporciona também a escolha, a seleção de áreas por eles, segundo seus interesses, suas experiências e conhecimentos informais, sempre assessorados pelos técnicos do Grupo Alternativo. À medida, que eles crescem e aprendem a caminhar vão sendo paulatinamente liberados pelos seus assessores que, no futuro, poderão se retirar e se tornar meros consultores. E eles terão então atingido a auto-gestão, sabendo preparar, educar e escolher seus substitutos.

d) Diagnóstico

É a nosso ver o grande exercício de síntese dos **problemas, expectativas e aspirações** de uma comunidade, consolidando-se num documento, que se transforma em **bandeira** na luta por mudanças sociais. Deve ser a resultante de uma cuidadosa pesquisa-ação que, por sua vez, deve construir o Projeto de Vida de uma equipe interdisciplinar: o Grupo Alternativo, juntamente com os pesquisados. Torna-se o grande instrumento de tomada de consciência e de interação das comunidades interna e externa.

Por outro lado, sua distribuição deve ser orientada para todos os públicos, especialmente para aqueles que detêm o poder decisório sobre os recursos (humanos, materiais, tecnológicos e financeiros) e que poderão oportunizar as mudanças sociais.

e) Levantamento e caracterização dos públicos

O conceito de públicos na perspectiva de Cândido Teobaldo Andrade, incluindo segmentação e profunda caracterização, são essenciais, especialmente, em substituição ao conceito de **clientela**, muito disseminado nas áreas afins (Serviço Social, Educação). Isto porque o conceito de públicos, começo e fim de todo trabalho de RRPP, pressupõe uma mudança de atitude e o desenvolvimento do processo de comunicação, dirigido para um desenvolvimento pessoal, grupal e comunitário. Neste caso torna-se instrumento, pelo exercício do reconhecimento e caracterização dos grupos e dos papéis. É instrumento, quanto ao raciocínio e a visão de como eles se interrelacionam e com quem. É um verdadeiro mundo de descobertas (Andrade, 1983, p.18).

f) "Lobby"

Assim como se faz para os clientes empresários públicos ou privados, cabe também no exercício profissional junto a Associação de Moradores, sindicatos e similares, o trabalho de "lobby", visando aplinar as arestas e entaves político-administrativos à consecução de seus objetivos comunitários.

g) Catalisação

Torna-se instrumento de trabalho porque é o princípio que ativa todo o processo. É uma ação constante e deliberada do profissional de RRPP em ação na comunidade, junto ao Grupo Alternativo e à sociedade em geral.

É uma ação que perpassa toda a ação das RRPP, pois seu objetivo é a sintonia de interesses, a compreensão mútua, numa ação planejada e deliberada, embasada em pesquisar em constante retro alimentação.

Diz-se que as RRPP devem administrar o conflito e/ou devem administrar o processo de comunicação. Então é necessário primeiro buscar a integração da equipe em si, do Grupo Alternativo, alimentando seu desenvolvimento com novas informações e também oportunizando a troca de informações de áreas afins, sempre dentro do espírito de desenvolvimento de executivos voltados para a mudança, para as transformações sociais. E, por isso mesmo, humildes diante do constante processo de inter-aprendizagem. Por sua vez, este processo de catalisação se reproduz inter-indivíduos, grupos e organizações de uma comunidade pelo exemplo dado, ou seja, reprodução da cultura. Por outro lado, reativa constantemente a participação dos pesquisadores.

h) Desenvolvimento de Lideranças

Não só o Grupo Alternativo deve ser desenvolvido e integrado para que se atinja realmente o objetivo de mudança social, mas cabe aqui um item especial sobre o desenvolvimento das lideranças comunitárias, agente e sujeito das mudanças sociais.

Como vimos anteriormente, durante anos a fio houve intervenções de órgãos governamentais, religiosos, políticos e de clubes de serviço. No entanto, a maioria de suas ações se pauta por um modelo deturpado de liderança, até mesmo incentivando o nepotismo e a corrupção locais.

Nossa intervenção, no entanto, com forte base em Educação Popular, Sociologia e Comunicação-RRPP, busca um novo posicionamento das lideranças: um resgate do homem, como cidadão, como sujeito da História, capaz de tomar decisões e de buscar suas idéias, seus objetivos, administrando seus recursos, avaliando seu próprio desempenho e do seu grupo, numa trajetória para o ecodesenvolvimento, construindo o seu Projeto de Vida.

Assim, é necessário o uso de técnicas especiais, como técnicas de dinâmica de grupo, assessoramento na clarificação de seus objetivos e da condução dos assuntos comunitários. Não consideramos isto uma intervenção, mas o já citado papel do **catalisador** preconizado por Ana Fonseca⁽³⁾ para as Relações Públicas e de **agente de mudança social** por Eugênia Wendhausen⁽⁴⁾. Pois o que constatamos na Ilha Grande dos Marinheiros é que eles querem, mas não têm forças, não acreditam, porque se desgastaram por anos de paternalismo, clientelismo e mutismo... Mas gostariam de mudar...

Então não é possível esperar que eles queiram e se mexam sozinhos, é preciso os intelectuais aderirem a seus objetivos e os assessorarem em sua caminhada para a libertação.

i) Conversas ao pé do ouvido

São estimulados e muito utilizados os diálogos e mesmo a conversa ao pé do ouvido, na difusão de idéias na Ilha Grande dos Marinheiros. É assim que eles se organizam, dialogando com seus pares. Ou simplesmente, tendo uma conversa mais reservada, pois só a troca de idéias já traz em si o enriquecimento e o posicionamento pessoal e grupal.

j) Programação Visual

É impressionante como, à medida que as organizações comunitárias progridem se preocupam com sua programação visual: papel timbrado, placa, desenho, cores, e até mesmo uma bandeira, registrando assim sua evolução, como nas organizações empresariais. Isto se reflete também na sua apresentação pessoal: banho tomado, cabelo feito, sapatos limpos e aspecto geral mais cuidado.

l) O Processo de Comunicação

Sendo uma das tarefas precípuas de RRPP, a administração do processo de comunicação, vamos enfocá-lo sob diversas variáveis:

m) O processo de Comunicação em si consta de itens como emissor, receptor, código (mensagem), "feedback" e contexto. Considerando-se o contexto da Ilha, este cadinho social de traduz em níveis diferentes de linguagem e de discurso, alguns incultos, outros mudos, quietos, sem manifestação oral, mas eloqüente no comportamento não-verbal.

É um teatro histórico e de denso fundo social: com o binômio **dar e receber**, como base do monólogo alienante e a expressão corporal dos vencidos, como linguagem muda.

O resgate de palavras-chave como **cidadania, saúde, segurança, educação, trabalho e renda** desencadeia um processo que aos poucos vai alterando o próprio discurso das lideranças e da comunidade em si e até de outros grupos atuantes na Ilha. Aos poucos, as palavras manipulação, clientelismo, paternalismo (proselitismo, é muito difícil) passam a acordar em suas mentes.

É o início da mudança, ainda que incipiente no discurso, trazendo também os rudimentos de uma tomada de consciência, ou seja, da descoberta de novos significados, de novas oportunidades de atuação e de sua posição como sujeitos da História.

Então, o fórum de debates, as comissões, os clubes de mães e de jovens são lugares, onde se desenvolvem a linguagem e o discurso, os debates e as tomadas de posição: são o seu universo de debates, onde administram sua controvérsia e seus conflitos, como tão bem coloca Candido Teobaldo Andrade (1983).

n) Comunicação não-verbal

Especial menção deve ser feita à comunicação não-verbal em todas as suas variações. Iniciamos pela impressionante **expressão corporal** notada no início dos trabalhos: ombros caídos, encurvaods, sob o peso opressivo de vidas amorfas; olhar baixo e/ou fugidio, braços desabados ao longo do corpo, pés plantados no chão, esculturas vivas de uma vida sem perspectiva. A tudo isso se soma o “mutismo” mencionado por Paulo Freire, o balbuciar tartamudeante em muitos, o tropeçar nas palavras e a evasão diante de problemas graves de comunidade e que representam para eles problemas de vida ou morte.

Mas a perspectiva de um **Projeto de Vida**, de contarem com nossa assessoria, embora não tenhamos recursos financeiros, vai aos poucos modificando sua expressão corporal; desempenam-se, plantam os pés mais firmemente no chão, o olhar outrora opaco vai aos poucos adquirindo vida, através de suas lutas e conquistas. Trazem um amigo. É uma prova de credibilidade do nosso trabalho e uma vitória. Mais recentemente, alguns líderes modificaram inteiramente seu discurso: falam com ênfase, com entusiasmo de seus projetos e aspirações. Outros ainda continuam céticos. Mas ficam rondando. E o presidente da Associação, depois de um afastamento, resolveu assumir seu papel de verdadeiro líder. Isto é importante porque o papel de líder na comunidade vem se dando por reprodução da cultura; e já se reproduziram bastante líderes autoritários, bastante nepotismo e falta de transparência nos negócios. Outros se expressam mais livremente, confiantemente e se achegam a nós.

o) Comunicação escrita

Inclui **atas, memórias, convites, ofícios**, preenchimento de formulários de planejamento e similares, prestação de contas, recibos. Deve ser estimulada e assessorada até que eles se sintam capazes de dispensar o intelectual a seu serviço. À redação de seus estatutos, deve ser dada atenção especial, inclusive passando-se pelo crivo de um advogado e também de um contador. É necessário orientá-los e assessorá-los para a confecção de relatórios e prestação de contas, ao final de cada ano e de cada projeto, de forma que possam informar a seus fornecedores de verba, sobre sua atuação,

produtividade e correta aplicação dos recursos, gerando uma boa imagem. Por outro lado, os órgãos fornecedores de verbas devem exigir prestação de contas e simplificar ao máximo seus formulários de projeto e prestação de contas.

p) Os Abaixo-Assinados

É o grande instrumento reivindicatório da nossa população carente. Mesmo aqueles que não sabem ler, **assinam**, isto é, os outros escrevem seu nome e ao lado eles imprimem o **dedão**, sujo de tinta de carimbo. E é com orgulho que os encaminham às autoridades, como no caso de retorno da assistente social, conseguindo por este instrumento.

q) Jornal

É uma forma muito considerada, não só pelas comunidades, como também pelos mais diversos profissionais que nelas atuam.

No entanto, é um instrumento caro e, no nosso caso, precisaríamos de dois jornais: um externo, em linguagem mais cuidada para funcionar como a Voz da Ilha, junto aos centros de decisões públicos e privados, com pauta voltada para as reivindicações. E outro, mais simples, enfocando os interesses mais próximos, interno, como dicas de nutrição, higiene e saúde, de organização de clubes e associações, com chamadas e “slogans” em torno de palavras-chave, como **união** e **força**, para motivação da comunidade. Além disso, deve ser feito na linguagem deles, pois é recolhido junto as fontes primárias diretamente, registrando a riqueza de sua falta. Deve também ser amplamente ilustrado por terem um baixo nível de alfabetização e, de preferência, por artistas locais. A possibilidade de patrocínio é discutível, a nosso ver, pelas injunções ideológicas e até pelas condições impostas, pelo predomínio econômico.

r) Tele-educação

Ainda dessa experiência na Ilha Grande dos Marinheiros, comprovamos a possibilidade de usar a novela e os recursos da televisão em geral e do vídeo, com elemento altamente educativos, dependendo apenas de seu conteúdo e roteiro.

Quer nos parecer que este é o grande instrumento, assim como se usa em treinamento de executivos, para propiciar informações de forma clara, repetitiva e sempre à disposição da comunidade com o auxílio de vídeo-cassete. Neste caso foram usados filme e vídeos.

s) Rádio Comunitária

Da mesma forma que a televisão, a rádio comunitária ou um simples serviço de alto-falantes podem representar um grande instrumento, especialmente em comunidades com alto índice de analfabetismo. É claro que tanto o item anterior, como este e o jornal devem ser especialmente assessorados por profissionais de comunicação, devidamente preparados, ou seja, numa perspectiva de base sociológica, de educação popular, de eco-desenvolvimento e de auto-gestão, pressupondo também um treinamento específico destes profissionais, caso contrário, sua atuação poderá ser desastrosa. No nosso caso, não chegamos a ter uma rádio, mas sentimos muito sua falta. Mas chegamos a usar megafone, com ótimos resultados.

t) Eventos

Percebidos ainda por muitos como “fazedores de festinhas”, os profissionais de

RRPP buscam o embasamento sociológico de sua ação. A nosso ver, uma rede de eventos é a trama sociológica que permite manter em andamento o processo de comunicação e, conseqüentemente, de socialização. Logo, numa comunidade carente e de caráter ecológico, os eventos, de caráter festivo ou não, se revestem de especial importância, face aos aspectos de integração, de diálogo que oportunizam com e entre os diversos públicos. O assessoramento se faz mister nestes eventos. No entanto, temos de frisar aqui que o comportamento e atitudes, o grau de maior ou menor limpeza e organização do local, e higiene e cuidados com os alimentos e bebidas, e atitudes são componentes culturais, cujas mudanças só se operam a muito longo prazo.

No entanto, é fundamental assessorá-los e depois com eles avaliar o evento para que possam lenta e arduamente progredir e desenvolver ao máximo sua criatividade. E, de acordo com sua evolução, acabam se preocupando até com cerimonial, ou seja, a maneira adequada de receber e nomear autoridades e visitantes.

u) "Slogan"

São montados a partir das palavras-chave levantadas no discurso da comunidade ao longo dos trabalhos com os círculos de cultura e funcionam como **reforço** aos objetivos e metas estabelecidos por eles. Um "slogan" que fez muito sucesso na Ilha foi: "A união faz a força".

v) Decoração, "lay-out", apresentação pessoal

São aspectos a serem considerados também dentro do processo de comunicação, se considerarmos as técnicas de leitura ambiental.

Os arranjos de mesa no chá do Clube de Mães Unidos da Ilha Grande dos Marinheiros, são uma preocupação com os usos e costumes, com a cultura. Foram feitos com latinhas de leite condensado ou de ervilhas, cobertas de uma tira de papel crepom colorido (roxo, vermelho, rosa) com uma rosa de papel crepom branco presa em argila, com folhas verdes, naturais, implantadas, colhidas ali mesmo na Ilha. E, quando eu quis guardar um arranjo como lembrança, ficaram extremamente sensibilizadas.

Aos poucos a Associação também vai tendo o seu "lay-out" modificado, humanizado e já conta até com mesa de reuniões, algumas cadeiras, um pequeno escritório para o presidente e escaninhos, à guisa de organização dos arquivos, em contraposição ao confuso depósito de material inicial.

Há maior preocupação também com a apresentação pessoal. E quando comparecem a audiências ou recebem visitas de autoridades, apresentam notórios sinais de produção: banho tomado, cabelos aparados e ou singelamente penteados; roupas pobres, mas limpas, arrumadas.

v) Projeto de Vida

É um projeto que congrega significados e ações comuns de uma comunidade em busca de seu posicionamento real na sociedade e na história, ou seja, um projeto de comunicação coletiva consigo mesmo e com a sociedade. E construindo a partir do diagnóstico (início da tomada de consciência) e do planejamento participativo (tomadas de decisões comunitárias). É na verdade o seu plano de ação, é um ideal criado e construído com eles e para eles e pelo qual eles têm de lutar. Podem ser assessorados por nós, mas a tomada de decisão é sua. Eles administram, gerenciam seu Projeto de Vida.

10 CONCLUSÃO

Fizemos o possível para registrar aqui a metodologia e os instrumentos de comunicação levantados ao longo deste trabalho, como também outros aspectos que achamos pertinentes e/ou significativos para futuros trabalhos similares.

Consideramos essencial a interdisciplinaridade do Grupo Alternativo e a posição de agente de mudança social de todos seus participantes e, em especial do profissional de Relações Públicas que deve ser o catalisador das ações internas e externas.

Embora tenhamos partido do pressuposto de Relações Públicas Populares e Alternativas, ao identificarmos as funções da CONFIARP e os instrumentos utilizados neste trabalho, nos convencemos de que as Relações Públicas independem de adjetivos e que sua função é delineada pelo comprometimento, ideologia, e responsabilidade social do profissional.

O trabalho na Ilha para fins de dissertação de mestrado avançou até este ponto. No entanto prossegue não só como experiência profissional e laboratório de pesquisa, mas como uma posição pessoal de que todo intelectual que faz um estudo de comunidade deve lhe dar um retorno. E o nosso é a luta pela matriz de ecodesenvolvimento para o Delta do Jacuí.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. **Parque Estadual Delta do Jacuí:** plano básico. Porto Alegre, 1979. v. 1 p. 12. (Série Planejamento Municipal, n.3)
- (2) RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Saúde. **Plano de Trabalho Comunitário na Ilha Grande dos Marinheiros.** Porto Alegre, 1975
- (3) FONSECA, Ana Maria Eiroa. Reflexões Sobre Atuações do Relações Públicas. **R. Bibliotecon. e Comun.**, Porto Alegre, 2:69, 1987.
- (4) WENDHAUSEN, Eugênia da Silva. **RRPP e PP como Fator de Desenvolvimento Social.** Porto Alegre, 1987. Trab. apres. no I Congresso Latino-Americano de Publicidade. Gramado-RS. 1987.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. **Para entender Relações Públicas.** 3 ed. São Paulo: Loyola, 1983.
- 2 BERLO, David K. **O processo de comunicação.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972.

- 3 BRANDÃO, Carlos R. **Pesquisa participante**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- 4 CARVALHAL, Tânia. **Crônica de um rio**. Porto Alegre: Riocell, 1987.
- 5 CORNELLY, Seno. **Subsídios sobre planejamento participativo**. Brasília: MEC. Secretaria Geral, 1980. (Série Planejamento; 3)
- 6 DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**; um ensaio introdutório. Brasília: IPEA/IPLAN/CPR, 1985.
- 7 DIAZ BORDENAVE, Juan E. Educar para uma sociedade participativa. **R. Educ. AEC.**, Porto Alegre, v.59, p.18-25, jan./mar. 1986.
- 8 KRONBAUER, Miriam. **Relatório final sobre ecologia aquática do Delta do Jacuí**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, PLANEL, 1978.
- 9 LIMA, Venício A. **Comunicação e cultura**: as idéias de Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- 10 LONGHI, Hilda M. et al. **Botânica do Delta do Jacuí**: relatório final. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, PLANDEL, 1977.
- 11 PERUZZO, Cícilia M. K. **Relações Públicas no modo de produção capitalista**. São Paulo: Cortez, 1982.
- 12 PORTO ALEGRE, Prefeitura Municipal. **Parque Estadual Delta do Jacuí**: plano básico. Porto Alegre, 1979. v.1 (Série Planejamento n. 3).
- 13 SILVA, Cairo Albuquerque da et al. **Estrutura dos assentamentos**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, s.d.
- 14 THIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- 15 VICTORIA, César G. **Saúde, relatório final**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1978.